

Ontem vi-os, vi Juana Rosa e Funes, parados diante de mim, no passeio em frente, prestes a cruzarem a mesma passareira que eu, à hora de almoço, na Avenida da Constituição, e durante um segundo de pavor julguei que me tinham visto e que eu iria esperar imóvel e enfeitiçado que se aproximassem, pálidos, afáveis, entre a pressa e a indiferença das pessoas e o ruído dos carros, mas dei a volta a tempo e acho que desatei a correr, sem me atrever a olhar para trás, com medo não de que descobrisse que me seguiam, mas sim de que os meus olhos e os deles se encontrassem e já não houvesse outro remédio para mim. Dei a volta exactamente quando o semáforo passava a verde, choquei com alguém, não pedi desculpa, pareceu-me que distinguia por entre a multiplicação de tantos passos o som dos de Juana Rosa e de Funes, entrei num bar, o primeiro que vi, grande e cheio de fumo, de ruídos e luzes de *flippers*, escondi-me um pouco atrás duma delas e só então tive coragem de olhar para a rua, imaginando Juana Rosa e Funes parados do outro lado dos vidros como se olhassem para o interior de um aquário, sérios e sós, atentos, descobrindo-me no meu vão refúgio, um desses bares ou salas de jogos onde entram de manhã mulheres de meia-idade que seguram com força debaixo do braço os seus sacos das compras e introduzem moedas nas ranhuras dos *flippers* com ensimesmado fanatismo. Já passava um pouco do meio-dia, o sol deste Novembro tão quente atra-

vessava uma espécie de luxuosa bruma azul sob as copas das árvores, e parecia-me impossível que entre aquela gente atarefada e comum que ocupava os passeios — grupos de alunos da escola mais próxima, funcionários, vendedores ambulantes de quinquilharia — pudessem surgir de repente Juana Rosa e Funes, que existissem no mesmo mundo e na mesma época que eu, nesta cidade de onde estiveram ausentes tanto tempo: muito menos, no entanto, do que se poderia deduzir da sua maneira de vestir, movimentar-se, usar o cabelo, inclusivamente de falar, embora por sorte eu ontem não tivesse ouvido as suas vozes. Quase me tranquilizei quando não os vi, pedi no balcão um galão, só para pedir alguma coisa, reparei que a minha mão tremia ao pegar na colher e tive a ideia absurda de pedir um conhaque, mas ao primeiro sorvo, até antes, ao aproximar o cálice do nariz, meteu-me nojo e tive de deixar.

Agora não tinha a certeza de os ter visto. Tinha medo de ter sofrido uma alucinação, umas dessas visões instantâneas que uma parecença fugaz provoca quando se vai absorto na rua e se julga ver um amigo que vive noutra país, um familiar morto. Mas tão perigoso como ter alucinações seria neste momento enganar-me a mim mesmo, e se pensar com um pouco de frieza, se fechar os olhos doridos pela noite de insónia e pela fosforescência do monitor do meu computador portátil, que é uma das poucas coisas que trouxe comigo para o hotel, consigo vê-los de novo tão claramente como os vi ontem de manhã, na passadeira de peões que existe entre a repartição de Finanças e os jardins do Triunfo, pálidos, parecidos um com o outro, com essa parecença que acabam por adquirir alguns casais ao fim de muitos anos de monotonia em comum, conjurados no seu anacronismo, como que fechados numa bolha de tempo, de outro tempo, de há uns quinze anos: Juana Rosa com o cabelo liso e penteado com risco ao meio e o poncho sobre os ombros, como uma dessas cantoras sul-americanas que ouvíamos então, Violeta Parra ou Mercedes Sosa, um pouco mais gorda, embora não mui-

to, e, claro, não muito mais feia que naqueles tempos, com o mesmo tipo de fealdade voluntária e como que reivindicativa que então mostrava; Funes ao seu lado, solícito, algo cinzento, como se tivessem pulverizado com cinza o cabelo e a barba, e sobre os ombros, cinza ou caspa, como há quinze anos, como em cada um dos dias que passou junto dela depois, que foram todos, porque não se separaram uma única vez sequer, o que já dá um pouco de angústia só pensar: o meu amigo Funes, que deixou de o ser para se converter em marido, acólito e menino de coro de uma mulher de quem certamente nunca gostou, pondo o braço sobre os ombros com um gesto de protecção uns segundos antes de atravessar o semáforo e de se encontrar comigo se não tivesse fugido no instante exacto em que os reconheci. Ainda vejo o poncho de alpujarrenho ou quéchua de Juana Rosa, o cabelo tempestuoso do meu amigo, já a esbranquiçar-se nas têmporas, a barba muito riçada, com uma mecha branca no queixo, o ar alucinado que a Funes se lhe foi acentuando nos últimos anos e que a mim me faz lembrar Moisés a descer do Sinai em *Os Dez Mandamentos*, o casaco de bombazina, incluindo aquela espécie de saco de lado ou enorme bolsa de couro com fivelas que continuam a usar alguns militantes da Esquerda Unida. Vi-os assim, compactos, irreais, parados no semáforo como um casal camponês que acabasse de chegar à capital da província num autocarro pirata, mais agrários ainda, como que recém-saídos de uma laboriosa comuna dos anos setenta, como um casal de quinteiros mórmons, Funes de meias grossas e sandálias, com uma melancolia de frade mendicante ou de teólogo pobre da libertação, Juana Rosa com as mesmas botas rurais que me despertaram a atenção assim que a vi pela primeira vez, embora nessa época não fossem tão raras como agora, pois havia um certo tipo de mulheres que se achavam na obrigação de as usar, inclusivamente mulheres admiráveis que pareciam pedir desculpa pelo comprimento e pela beleza das suas pernas submetendo-as ao vexame daquelas botas, em vez de usarem meias es-

curas e saltos altos. *Segarras* chamavam-se elas, ou *chirucas*, eram botas de azeitoneiro ou de metalúrgico, de lona escura, avermelhada, com cordões muito fortes e sola de borracha. Juana Rosa, suponho que para culminar o efeito, combinava-as com umas meias peludas com franjas e uma saia grande que pendia de umas ancas tão baixas como a toalha de uma mesa camila...

Não o escondo, nunca o escondi a ninguém, excepto a Funes, por delicadeza, para não lhe fazer passar um mau bocado, ou talvez por um motivo pior e, no fim, inútil, para que não me excluísse da sua amizade: sempre detestei Juana Rosa, desde o primeiro dia, embora seja verdade que demorei um pouco a reparar na sua presença, dado que naquela triste ocasião se apresentou na companhia de uma rapariga em que eu estava sumamente interessado, ou furiosamente interessado, para dizer de alguma forma, a minha amiga Inma, quase namorada então e ex-namorada pouco tempo depois, sem que entre um estado e outro houvesse um intervalo substancial, apenas uma espécie de confuso vazio de que me restam imagens fragmentadas que não quero ordenar para que não se convertam em recordações ridículas. A minha ex-namorada, ex-amiga, ex-colega de carteira, de cadernos de apontamentos e galões no bar da faculdade, Inma, a imaculada Inma, que tão brevemente me deixou que lhe tocasse, que apareceu e desapareceu como se a sua única missão nas nossas vidas, na de Funes e na minha, fosse deixar atrás de si a presença de Juana Rosa, deixá-la sentada no sofá de cabedal do andar que compartilhávamos então e partir em seguida tão depressa como um carteiro depois de entregar um registo.

De certa forma, através de Inma e do meu desenfreado e breve amor por ela — mas todos os meus amores eram então desenfreados e breves —, eu sou o responsável de Juana Rosa ter apanhado Funes, meu amigo, e de mais tarde, como

castigo pela minha mediação, se dedicar encarniçadamente a afastá-lo de mim, de todos os seus amigos e de todos os seus bares, a despojá-lo dia após dia de cada uma das suas melhores virtudes e de cada um dos seus melhores vícios, a envolvê-lo numa teia de aranha, num felpudo casulo protector, feito da mesma manta conjugal e sufocante de que são feitos os chinelos de pano e os roupões de flanela, convertê-lo a uma rigorosa e antipática religião em que ela própria, Juana Rosa, era a divindade e a sacerdotisa, para o transformar, ao fim de alguns meses, num zombi bondoso e calado, num adepto um tanto idiota da iminente bem-aventurança matrimonial com essa pitada de ausência ou de lobotomia que têm alguns ex-toxicodependentes depois de trocarem a seringa pelas culturas biológicas ou pela reza do terço. Já sei, ou suponho, que exagero, o meu amigo Funes não pode ter-se tornado completamente imbecil em tão pouco tempo, foi o meu rancor para com Juana Rosa — e para com ele, claro está — que me levou a pensar estas loucuras, e até a compartilhá-las com alguns amigos comuns, que nem sempre estavam de acordo comigo. Entre os amigos de então chegou a ser uma opinião assente que Juana Rosa tinha salvado Funes, coisa que o próprio Funes me disse uma vez, embora ninguém, nem ele próprio, chegasse alguma vez a esclarecer a natureza exacta daquela salvação. Antes de a conhecer, quando compartilhávamos o andar onde por fim ficaram eles os dois, Funes bebia muito, fumava mais de um maço de *Ducados* por dia, dava umas aulas nocturnas de francês num colégio, matriculava-se regularmente nas três ou quatro cadeiras que lhe faltavam para terminar o curso, mas envergonhava-se de haver feito os trinta anos sem ter passado nelas, e sem possuir, como ele dizia, nem ofício nem benefício, de forma que já não ia à faculdade e regra geral aos testes também não, e se por acaso ia a algum voltava para casa poucas horas depois com os ombros mais descaídos que habitualmente e uma gota a mais de conhaque a espessar-lhe o hálito e a brilhar-lhe nos olhos.